

## A Prática do Professor de Apoio na Escola Inclusiva: Sugestões para Aprimoramento

### The Practice of the Support Teacher in the Inclusive School: Suggestions for Improvement

Danielle Nunes Martins do Prado<sup>ab</sup>; Celia Regina Vitaliano<sup>b</sup>; Isabel Rodrigues Sanches<sup>a</sup>

<sup>a</sup>Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa. Portugal.

<sup>b</sup>Universidade Estadual de Londrina. PR, Brasil.

E-mail: danipradoacademico@gmail.com

---

#### Resumo

A partir do movimento da inclusão escolar, os alunos com necessidades educacionais especiais (NEE) passam a frequentar o ensino regular nas classes comuns, paralelamente amplia-se a presença do professor de apoio à inclusão para atendê-los. Este artigo tem o objetivo de apresentar as sugestões relatadas por professores de apoio visando aprimorar o seu trabalho junto aos alunos com NEE para favorecer o processo de inclusão. O aporte teórico deste texto está sustentado pelos pressupostos da educação inclusiva, aliado com a análises de diversos estudos sobre o papel do professor de apoio no contexto da escola inclusiva. Participaram da pesquisa 67 professores desenvolvendo a função de apoio à inclusão. A coleta dos dados ocorreu por meio da aplicação de um questionário. Entre os resultados se destaca a necessidade de maior investimento na formação continuada para os professores de apoio à inclusão, juntamente com os professores regentes sobre o processo de inclusão dos alunos com NEE, bem como de se estabelecer um trabalho entre eles na perspectiva colaborativa, aliado aos demais profissionais internos e externos à escola e familiares.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva. Serviço de Apoio. Trabalho Colaborativo.

#### Abstract

*From the school inclusion movement, students with special educational needs (SEN) start to attend regular education in common classes, in parallel the presence of the inclusion support teacher is expanded to serve them. This article aims to present the suggestions reported by support teachers in order to improve their work with SEN students to favor the inclusion process. The theoretical contribution of this text is supported by the assumptions of inclusive education, combined with the analysis of several studies on the role of the support teacher in the inclusive school context. 67 teachers engaged the research, developing the role of supporting inclusion. Data collection occurred through the application of a questionnaire. Among the results, the need is highlighted for greater investment in continuing education for teachers to support inclusion together with the governing teachers on the inclusion process of SEN students, as well as establishing a work between them in a collaborative perspective, allied to other internal and external professionals at the school and family.*

**Keywords:** Inclusive Education. Support Service. Collaborative Work.

---

#### 1 Introdução

Tem-se vivenciado o aumento significativo do número de matrículas dos alunos com NEE nas redes regulares de ensino, constituindo-se um dos desafios da atualidade para a educação brasileira. A Educação Inclusiva requer uma mudança de paradigma, um repensar os modelos de educação e de práticas pedagógicas, objetivando oferecer e atender uma Educação para todos, ou seja, transformar a escola regular em um espaço de aprendizagem para todos.

A partir da Resolução nº 2 do Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2001), que instituiu as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, foi possível identificar a sinalização de uma normatização dos serviços de apoio como um dos mais expressivos avanços no que se refere ao processo de inclusão escolar, e entre estes, a disponibilização do profissional de apoio.

A preocupação deste estudo derivou da observação de

que, no município pesquisado, com frequência, os professores regentes que têm alunos com NEE, em sua sala de aula, solicitam como serviço de apoio, o professor de apoio. Há uma variedade de nomenclatura definida pelos sistemas de ensino para esse profissional de apoio, conforme alguns pesquisadores têm apresentado: mediador, tutor, monitor (ALMEIDA; SIEMS-MARCONDES; BOER, 2014; MARTINS, 2014). Neste trabalho, a opção é pelo nome professor de apoio. Após a disponibilização de tal professor, verifica-se empiricamente que a sala de aula passa a ser dividida, ficando o professor regente responsável pelo atendimento aos alunos que não apresentam NEE e o professor de apoio passa a ser o responsável pelo aluno com NEE. Realidade que também é exposta nos resultados das pesquisas de Matos e Mendes (2014), Jordão, Jordão e Tartuci (2011), Farnocchi (2012) e Vioto (2020).

Nesta realidade, o trabalho do professor de apoio tem se configurado com frequência em práticas pouco inclusivas.

Continua um professor cuidando do aluno com NEE e outro professor se responsabilizando pelos outros alunos da classe comum do ensino regular. Quando o professor de apoio faz o atendimento, de maneira separada, individual, propondo atividades diferentes dos outros alunos da turma em relação aos conteúdos e áreas curriculares, está realizando práticas excludentes e não inclusivas, trazendo como consequência a não participação do aluno com NEE, que fica, nestas condições, alheio ao processo de ensino e aprendizagem, que está ocorrendo com os seus colegas. Para Flores (2011), esta situação se constitui em uma negação da criança no próprio espaço escolar.

Esta prática é reflexo de um processo histórico em relação aos alunos com NEE, visto que por muito tempo, entendeu-se que deveriam estar separados, seja em instituições específicas para seu atendimento ou, ainda, quando no próprio espaço escolar, em salas diferenciadas, com base no pressuposto de que não seria possível ensiná-los junto aos demais alunos na classe comum, pois muitos deles apresentam ritmos e formas de comunicação diferenciados.

Todavia, entende-se que não é suficiente apenas inserir o aluno com NEE na sala de aula do ensino regular. Sanches e Teodoro (2007) reforçam que inclusão não é apenas a presença física, é o pertencer à escola e aos grupos. Para estes autores, os professores, ao não aceitarem os direitos dos alunos com NEE, iniciam um processo de segregação - disfarçada ou explícita, transferindo a responsabilidade destes alunos a outra pessoa. Os mesmos autores ainda chamam a atenção para as aprendizagens dos alunos com NEE, visto que muitos professores acreditam que eles estão na escola para passar o tempo e alertam para o cuidado com as saídas destes alunos da sala para terem outras aprendizagens.

Por conseguinte, as práticas dos professores em relação ao processo de inclusão escolar dos alunos com NEE têm sido, nos últimos anos, objeto de muitos estudos (RODRIGUES, 2014; SANCHES, 2011) reforçando que o papel do professor é fundamental no processo de ensino e aprendizagem de todos os alunos.

Dessa forma, o interesse em conhecer melhor as práticas dos professores de apoio à inclusão emergiram deste contexto, aliado às leituras realizadas acerca do papel desse professor. Nestas, os autores supracitados enfatizam a importância de se assumir um modo de atuação colaborativo com toda comunidade escolar em favor da inclusão do aluno com NEE e não uma postura individualizada, que reforça sua segregação em sala de aula.

Alguns aspectos como trabalho diversificado, flexibilização do planejamento, ambiente rico de materiais e recursos alternativos, atividades em grupo e avaliação continuada, são apresentados como respostas que podem atender adequadamente as necessidades de todos os alunos, inclusive, os que possuem NEE.

De acordo com Sanches (2011), os estudos desenvolvidos,

tendo como “enfoque” as práticas desencadeadas pelos professores, caracterizando-as e compreendendo-as, podem oferecer um vasto leque de possibilidades de desenho de um modelo de formação de professores mais oportuno, mais pertinente e eficaz, em que as várias componentes relativas ao professor, ao aluno e ao contexto se movimentem e interajam. No entanto, a mesma autora afirma que descobrir sinais de inclusividade nas práticas dos professores de apoio revela-se tarefa árdua.

A necessidade de reflexão sobre as práticas dos professores que atuam com alunos com NEE, mais especificamente os professores de apoio, se explica no sentido de se entender a que fatores os professores atribuem os sucessos e as dificuldades encontradas por eles em sua atuação na classe comum junto aos alunos com NEE. Acredita-se que tais dados possam contribuir para reflexões de vários segmentos, desde a gestão escolar à política educacional na direção de aprimorar as condições de trabalho oferecidas a esses profissionais.

Em consonância com esta tendência e partindo da necessidade de conhecer e reconhecer as percepções sobre as práticas e dificuldades na atuação diária do trabalho como professor de apoio, a pesquisa realizada teve como foco identificar as sugestões destes professores, com o intuito de aprimorar a sua atuação junto aos alunos com NEE na classe comum, visando seu processo de inclusão.

## 2 Material e Métodos

A pesquisa se caracterizou por ser um estudo descritivo de levantamento com análise de dados de natureza quantitativa e qualitativa. Para Calais (2010, p.81): “Na investigação científica, encontram-se dados que podem ser quantificados e outros que podem ser analisados qualitativamente”.

Delimita-se como campo da pesquisa uma Rede Municipal de Educação de um município do Norte do Paraná, que contava, em 2015, com 37.322 alunos matriculados, entre estes 1067 eram considerados público-alvo da Educação Especial (PAEE), desses 131 contavam com Professor de Apoio Permanente no Ensino Fundamental (PA), durante o período letivo na classe comum, foco deste trabalho.

Foram aplicados 131 questionários para os professores de apoio, no entanto, foram devolvidos o total de 67 questionários respondidos. Dessa forma, houve como participantes da pesquisa 67 professores de apoio, que estavam atuando junto aos alunos PAEE. Este resultado constituiu a fonte de dados que foram analisados. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos por meio do Parecer CEP nº 1.371.174 de 16/12/2015.

O instrumento utilizado para coleta de dados da pesquisa foi um questionário que, segundo Triviños (1987), entre os métodos e técnicas na pesquisa qualitativa, podem conter questões fechadas ou abertas. Para a organização dos questionários se toma como base o estudo de Sanches e Teodoro (2007), que realizaram uma pesquisa com o objetivo

de identificar indicadores de Educação Inclusiva nas práticas dos Professores de Apoio Educativo. Neste artigo, apresenta-se a análise dos resultados da última questão aberta, que buscou dar voz aos professores de apoio quanto as suas sugestões para o aprimoramento de sua atuação junto aos alunos com NEE visando o processo de inclusão. Essas informações foram agrupadas em categorias e subcategorias, criadas de acordo com os conteúdos das respostas apresentadas nas questões, conforme orienta Bardin (2016).

Para Sanches (2011, p.135), é possível a estratégia de “dar voz” aos professores através de suas respostas quando questionados. Vejam: “Sugiro que comecemos por ouvir atentamente o que os professores têm para dizer. Os professores são, afinal, os que mais perto estão do ensino [...]. Eles conhecem a incerteza e o modo de a gerirem [...]. A autora complementa: “fazendo deles os nossos sujeitos de estudo”. Dessa forma, as análises a seguir apresentadas revelam as sugestões indicadas pelos professores de apoio para o aprimoramento de sua atuação junto aos alunos com NEE.

### 3 Resultados e Discussão

Com base na proposta de análise de conteúdo de Bardin (2016), após leitura sistemática das respostas das 67 professoras de apoio participantes da pesquisa, organiza-se cinco categorias que serão apresentadas a seguir.

**Quadro 1** - Sugestões dos professores de apoio para aprimorar sua atuação junto ao aluno com necessidades educacionais especiais

Categorias	Quantidade Respostas
1 Trabalho Colaborativo	17
Subcategoria	
1.1 Trabalho Colaborativo com o Professor Regente	11
Subcategoria	
1.2 Trabalho Colaborativo com Outros Profissionais	06
2 Formação/ Orientação	19
Subcategoria	
2.1 Formação Continuada	08
Subcategoria	
2.2 Apoio e Orientação da Equipe de Educação Especial do Município	11
3 Apoio e Participação da Família	04
4 Estrutura Física e de Materiais	04
5 Não Tem Sugestão ou não Responderam	24

Fonte: dados da pesquisa.

#### 3.1 Trabalho Colaborativo

Com base no exposto de que em muitas escolas se tem observado que o trabalho do professor de apoio tem sido solitário e individualizado, defende-se que o professor de apoio contribui para a inclusão escolar na medida em que atua segundo o modelo de trabalho colaborativo como apoio ao professor da classe comum, aos outros alunos, aos outros

professores, as famílias, enfim, a comunidade escolar.

Sua atribuição é atender a estudantes com comprometimentos acentuados, que tenham dificuldade no acompanhamento das atividades acadêmicas curriculares, de forma integrada com o professor regente, deve participar ativamente do planejamento e de todas as atividades desenvolvidas no ano de sua atuação. (JORDÃO; JORDÃO; TARTUCI, 2011, p.3779).

Visando proposta de ensino colaborativo, Conderman, Bresnahan e Pedersen (2009 *apud* VILARONGA; MENDES, 2014, p.141) afirmam:

É preciso discutir na escola questões relacionadas ao tempo de planejamento em comum entre o professor de educação especial e o professor da sala regular; aos conteúdos que devem ser incluídos no currículo; às adaptações curriculares; à distribuição de tarefas e responsabilidades; às formas de avaliação; às experiências em sala de aula; aos procedimentos para organização da sala; à comunicação com alunos, pais e administradores; ao acompanhamento do progresso de aprendizagem dos alunos; às metas para o Plano Educacional Individualizado dos alunos com deficiência.

Nesse sentido, foi possível identificar que um número considerável de professores, 25% destes, apontaram em suas sugestões o trabalho colaborativo como uma possibilidade de aprimoramento de sua atuação junto aos alunos com NEE. Estes dados foram agrupados em duas subcategorias conforme as respostas indicavam sendo: 1.2 Trabalho colaborativo do professor de apoio com o professor regente e 1.2 Trabalho colaborativo do professor de apoio com os outros profissionais, que atendem o aluno com NEE.

#### 3.2 Trabalho colaborativo do professor de apoio com o professor regente

O professor de apoio pode contribuir muito com a prática do professor regente, desde que tenha condições, incluindo aqui a participação no planejamento, avaliação, preparação de materiais, sendo criadas as possibilidades para que sua presença seja de fato aproveitada, atuando de maneira colaborativa e não individual. Silva e Maciel (2005, p. 1783) afirmam que [...] este professor veio complementar o trabalho do professor titular e ao ter o papel de reconhecer as necessidades educacionais especiais e definir e implementar respostas educativas para estas necessidades passa a ser um elemento fundamental no processo de inclusão destes estudantes, porque além do papel de definir deverá criar condições de aprendizagem através de práticas educativas “alternativas”.

Os relatos de 16% dos professores de apoio participantes da pesquisa reforçam o exposto pelos autores. Apresenta-se a seguir alguns recortes:

O professor de sala e de apoio precisam de um tempo em conjunto para planejar atividades e avaliações e de apoio profissional (fono e psico) para uma melhor orientação do nosso trabalho. (Professora de Apoio 65).

Acredita-se que este planejamento em conjunto deve ser um dos pilares do trabalho colaborativo entre os professores de apoio e os professores regentes, a fim de que, a partir deste planejamento, possam realizar uma intervenção em conjunto.

Conforme Sanches (2011), a modalidade considerada mais inclusiva é o apoio ao aluno em conjunto com a classe.

O aluno com necessidade educacional especial precisa ser realmente considerado nos planejamentos do professor (mesmo sendo ciente da dificuldade que encontram para isso), ter mais oportunidade de trocas e apoio com outros profissionais que atuam com o aluno e também o professor regente necessita de apoio mais prático, mais vezes no ano, que o possibilite a intervir como “professor do aluno”, aquele que conhecem, que acredita, que investe e que comemora cada conquista (mesmo que mínima), tendo o professor de apoio como apoio e não como regente. (Professor de Apoio 4).

Esclarecer toda a equipe de professores que o aluno que apresenta necessidades educacionais especiais não é aluno somente da professora de apoio. (Professor de Apoio 47).

Mendes, Vilaronga e Zerbato (2014) destacam o trabalho colaborativo como benéfico para desenvolver a educação inclusiva, melhorar a qualidade das aprendizagens e favorecer a cooperação entre os professores.

Para Jordão, Jordão e Tartuci (2011, p.3784):

Assim, apoio a inclusão como o próprio termo indica, é o apoio ao processo da inclusão, portanto auxiliando o trabalho do Professor Regente, otimizando a aprendizagem do aluno. Articulado a este papel os professores de apoio vêem-se como parceiros do professor regente, tendo uma boa relação tanto no planejamento do conteúdo quanto em relação a adaptação curricular.

Uma professora participante da pesquisa esclarece bem a relevância do trabalho colaborativo:

Que todas essas atuações estejam unidas, conhecendo e buscando melhores formas de acompanhar o aluno. (Professor de Apoio à inclusão 57).

Nesse sentido, reforça-se o exposto por Tartuci, Silva e Freitas (2013), quando analisaram alguns itens necessários para a atuação do professor de apoio entre eles:

Observação das necessidades da criança, estabelecimento de metas de trabalho juntamente com o professor da turma ou da disciplina, busca e elaboração de recursos e materiais didáticos, planejamento cooperativo (professor de apoio, professor da turma, professor especializado...), fazer parte da rotina da turma, acrescentando um olhar ao grupo e a cada um, avaliando juntamente com o professor o processo de ensino aprendizagem. (TARTUCI; SILVA; FREITAS, 2013, p.6).

Ainda, conforme Mendonça e Gonçalves Neto (2019), o trabalho colaborativo contribui com o desenvolvimento pessoal e profissional dos docentes ao permitir a partilha dos saberes. Este é, sem dúvida, um dos argumentos que se precisa defender para um maior empenho da gestão escolar na efetivação de momentos que possibilitem o trabalho colaborativo entre os docentes.

### 3.3 Trabalho colaborativo do professor de apoio com os profissionais que atendem o aluno com NEE

O trabalho, em uma escola inclusiva, passa por um trabalho de equipe de profissionais, em que a partilha e a co-responsabilização é para todos. O trabalho colaborativo é uma das estratégias a desenvolver não só entre os alunos, mas também entre os diferentes profissionais que colaboram no processo educativo (SANCHES, 2011, p.215).

Desse modo, foi possível identificar nas respostas de 9% dos professores de apoio participantes da pesquisa, uma preocupação em relação à importância do trabalho colaborativo com os profissionais que fazem atendimentos aos alunos com NEE. Alguns relatos:

Os outros profissionais envolvidos com a aluna (fonoaudióloga, fisioterapeuta, terapeuta educacional) deveriam atuar mais em conjunto com a escola. (Professora de Apoio à inclusão 53).

Acredito que a equipe multidisciplinar que o atende fora da escola poderia dar um respaldo maior e melhor para trabalharmos com o aluno. (Professora de Apoio à inclusão 9).

Gostaria de contar com o apoio de fonoaudióloga, fisioterapeuta e terapeuta ocupacional, gostaria de poder aproveitar melhor o tempo. (Professora de Apoio à inclusão 38).

Sabe-se da importância destes atendimentos aos alunos com NEE e da relevância do trabalho desta equipe multidisciplinar, assim, reforça-se a necessidade desta relação ser fortalecida e possibilitados os momentos de um trabalho colaborativo entre todos os envolvidos no atendimento aos alunos com NEE. Cabe questionar: em uma escola inclusiva, com um projeto inclusivo, quais ainda são as barreiras que têm impedido que o professor de apoio não desenvolva esta parceria com os profissionais que fazem atendimento ao aluno com NEE? Seria mais um indicativo de um trabalho isolado deste professor? Como possibilitar momentos de troca?

A sugestão é que haja um bom entrosamento entre todos os profissionais e familiares para que tenha coerência das ações e desenvolvimento da aluna. (Professor de Apoio 52).

Dessa maneira, defende-se a importância do trabalho colaborativo entre todos, o que se revela na fala de uma participante:

O trabalho tem que ser em equipe, se todos trabalharem juntos o resultado é positivo. (Professor de Apoio 61).

### 3.4 Formação do professor

Há algumas décadas, a formação continuada do professor é questão debatida. Pode-se identificar essa temática em documentos da legislação educacional (BRASIL, 1996; 2001; 2008; 2015) e nos resultados de pesquisas de vários autores como: Rodrigues (2014), Matos e Mendes (2014), Picolini e Lopes Flores (2021), entre outros.

Beyer (2003) entende que a ausência de formação suficiente sobre técnicas didáticas, metodologias adequadas, compreensão da proposta, enfim sobre a temática que

envolve a educação inclusiva consiste em um dos motivos da resistência dos profissionais da educação para o atendimento aos alunos com NEE.

Rodrigues (2014) afirma que o professor é agente de mudança, dessa forma a formação do professor é fator indispensável para pensar na educação inclusiva.

Foi possível identificar, entre os participantes da pesquisa, que 29% deles apresentaram entre as sugestões para o aprimoramento de sua atuação relatos que fazem referência à formação do professor de apoio e orientações para seu trabalho.

### 3.5 Formação Continuada para os professores

Para Rodrigues (2014), a formação do professor em serviço é uma alavanca poderosa para modificação e promoção de práticas inclusivas. Na mesma direção, Mendonça e Gonçalves Neto (2019) destacam que a capacitação dos profissionais diretamente envolvidos se configura como um dos fatores indispensáveis para o acolhimento aos alunos com deficiências no processo de inclusão escolar. Alguns relatos dos professores participantes indicaram como sugestão:

Formação continuada com ênfase na dificuldade do aluno. (Professor de Apoio 22).

Deveria haver cursos de formação para o professor regente e apoio. (Professor de Apoio 60).

Acredito que acontecer formações continuadas sobre a prática do professor de apoio e uma no início do ano juntamente com o professor regente para orientações de como deve ser sua relação com o aluno acompanhado pelo professor de apoio. (Professor de Apoio 25).

Seja oferecido mais cursos específicos para capacitar o professor de apoio no atendimento do aluno. (Professor de Apoio 5).

Dessa maneira, as sugestões dos professores de apoio reforçam quanto a importância da formação continuada para o atendimento das suas necessidades e dificuldades. Recorre-se novamente a Rodrigues (2014) reiterando alguns aspectos importantes da formação de professores, sendo esses: momento de mudança de valores, possibilitando aos professores saírem da perspectiva reprodutiva para se aproximarem dos valores inclusivos; espaço para reflexões e vivência das estratégias necessárias para a inclusão como o trabalho em grupo e ensino personalizado.

De acordo com Mendonça e Gonçalves Neto (2019, p.117): “A deficiência é diferente na deficiência, cada criança possui um ritmo e um modo de compreender o que lhe é ensinado”. Assim, entende-se e se defende a importância da formação continuada a todos os professores, de modo que a educação inclusiva seja pauta constante e as necessidades dos professores sejam consideradas, oportunizando o debate, a sensibilização e o fortalecimento dos papéis de cada sujeito para que a inclusão escolar ocorra na perspectiva colaborativa.

### 3.6 Apoio e orientação da Equipe de Educação Especial do Município

O município pesquisado contém no organograma da Secretaria Municipal de Educação uma equipe que é responsável pela oferta e atendimento da modalidade de Educação Especial nas unidades escolares. Esta equipe acompanha, visita e organiza a formação continuada dos professores e especialistas, que atendem os alunos no atendimento educacional especializado e no ensino regular.

Observa-se nas respostas dos professores participantes, em torno de 16%, a sugestão da formação continuada por meio da orientação e apoio da Equipe de Educação Especial do Município, conforme abaixo:

Equipe da Educação Especial dar mais orientações sobre as necessidades e promover cursos específicos, roda de conversa com profissionais que atendam o mesmo tipo de deficiência e palestras. (Professor de Apoio 56).

Que realmente o professor de apoio tenha um respaldo das equipes especializadas pois esse professor é quem muitas vezes acaba enxergando as verdadeiras necessidades de atendimento ao aluno. (Professor de Apoio 27).

Receber apoio da Equipe de Educação Especial em relação a avaliação dos mesmos, para que desta forma possamos realizar uma mediação coerente com a realidade do aluno. (Professor de Apoio 19).

Sugiro que a Equipe de Educação Especial do Município ofereça palestras e orientações de outros profissionais (médico, psicólogo, etc...) ao professor de apoio para adquirir novos conhecimentos. (Professor de Apoio 28).

A Instrução Normativa nº 01/2016 - SEED/SUED determina que os professores devem participar de cursos, assim como promover estudos com seus pares.

5.12 Participar e organizar grupos de estudos com os professores da instituição de ensino, além de encontros sistemáticos para reflexão, construção e socialização de experiências e de formação continuada promovida pela SEED/DEE. (PARANÁ, 2016).

É necessário criar espaços de parceria envolvendo os professores de apoio e regentes, os especialistas que atendem os alunos com NEE e a equipe especializada do município, com encontros e momentos específicos de orientações. A organização da gestão da escola, assim como do próprio órgão executor do sistema, deve privilegiar as ações de sua equipe especializada in loco, atendendo, formando e informando o professor de apoio.

Para Dorziat (2015), na inclusão, os educadores que sempre ensinavam aos estudantes, considerados normais, devem rever seus conceitos “alterar a pedagogia tradicional” e questionar radicalmente a educação, envolvendo a escola e para além dela, em um trabalho coletivo e multidisciplinar.

### 3.7 Apoio e participação da família

Conforme Sanches (2011), a escola inclusiva defende um trabalho com todos. Entende-se a relevância do trabalho com a comunidade e da mesma conhecer o professor de apoio e o seu papel no contexto educacional, estreitar as relações entre

os professores que atendem o aluno com NEE e suas famílias, a fim de aprimorar o investimento da família e sua consciência no que se refere ao desenvolvimento e a vida escolar de seus filhos. Houve alguns participantes da pesquisa que apontaram a relação com as famílias e a orientação das mesmas como sugestões para a melhoria da atuação no processo de inclusão escolar.

Maior comprometimento da família em acompanhar as tarefas propostas pela professora. (Professor de Apoio 39).

Minha sugestão vem ao encontro da necessidade de um apoio às famílias, visando um envolvimento e esclarecimento das reais necessidades do filho, buscando apoio com outros profissionais. (Professor de Apoio 32).

Apenas que a criança tenha rotina domiciliar adequada a idade dela para que a mesma consiga se sentir mais segura e centrada para realizar as atividades pois percebo grande agitação na criança quando retorna do fim de semana. (Professor de Apoio 1).

Entende-se que esta deve ser uma das vertentes a se buscar aprimorar, no sentido de que as famílias, assim como os alunos, sentindo-se parte, inseridos no contexto escolar, tenham espaço para participação efetiva em toda a vida acadêmica de seus filhos. Ademais, também se destaca que os professores de apoio, assim como o professor regente, devem estar juntos nas conversas formais e informais com as famílias, não se pode delegar essa função a apenas um, tendo em vista que o aluno é responsabilidade de ambos e que estes devem trabalhar em parceria.

### **3.8 Sugestões relacionadas à estrutura física da instituição escolar e ao local do aluno em sala de aula**

Houve algumas respostas que se destacaram em questões referentes à estrutura física das unidades escolares como sugestões para viabilizar o aprimoramento da atuação junto aos alunos com NEE.

Apenas reforçar que a escola necessita de suporte em estrutura física cumprimento das leis e parcerias para que a inclusão dê certo. (Professor de Apoio 58).

A maior dificuldade está na estrutura do prédio. (Professor de Apoio 55).

Acesso a internet e computador para a aluna. (Professor de Apoio 33).

Geralmente este aluno fica no fundo da sala de aula, acho que se colocasse na frente poderia dar atenção melhor ao aluno e talvez ele se interessasse mais para aprender. (Professor de Apoio 40).

Destaca-se este último relato nesta análise visto que apresenta de maneira clara o espaço ocupado pelo aluno e, conseqüentemente, pelo professor de apoio em sala de aula. Em relação ao apoio na carteira do aluno, Sanches (2011) afirma:

A nível do local utilizado para apoio, as respostas apontam maioritariamente para a sala de aula, a carteira do aluno, o que nos transporta para uma imagem de um conjunto de pessoas dentro de uma sala de aula (um grupo de crianças e dois adultos), em que um adulto assume o papel de líder (está em pé e circula em todo o espaço da sala, fala em voz alta para que todos ouçam e façam o que ele diz) e o outro assume o papel atribuído às crianças (está sentado ao lado de uma criança e fala baixinho para o 'colega' do lado). A criança que

está ao lado encontra-se em desvantagem: não tem um colega com quem fazer traquinices, não pode transgredir e não pode estabelecer uma relação de cumplicidade com um colega de carteira [...] (SANCHES, 2011, p. 290).

Necessário se faz pensar também que o professor de apoio, muitas vezes, ao chegar em sala de aula, se percebe em uma situação de inferioridade, visto que por ser entendido como professor do aluno com NEE, se coloca ou é colocado em um canto da sala e é lá que o professor acaba por ficar. Esta situação reflete o lugar social do aluno com NEE e do professor de apoio no ambiente escolar, influenciada muitas vezes pelas próprias políticas educacionais, visto que não há orientações claras a respeito do seu papel em sala. Neste contexto não ocorre o planejamento das atividades em parceria com o professor regente, troca de experiências.

### **3.9 Ausências de sugestões**

Identifica-se que 36% dos participantes não apresentaram sugestões para aprimorar o seu trabalho. Este dado revela que alguns professores podem estar conseguindo realizar sua atuação de maneira eficiente, o que é vislumbrado no seguinte relato:

Não tenho sugestões, considero que o trabalho coletivo realizado aqui na escola obteve sucesso na aprendizagem do aluno. Os pais são muito presentes diariamente trocamos sugestões, a professora regente fez um ótimo trabalho e me dá liberdade de trabalhar com o aluno também e a equipe pedagógica da escola valoriza o meu trabalho e me dá o suporte necessário. (Professor de Apoio 56).

A resposta da professora reforça o exposto até aqui: a necessidade do trabalho coletivo e colaborativo, a fim de contribuir com o processo de inclusão escolar dos alunos com NEE. É muito bom perceber neste relato a satisfação da professora em realizar um trabalho que de fato tem possibilitado uma inclusão efetiva, com trocas entre os pares, valorização do seu trabalho e acima de tudo a aprendizagem do aluno com NEE.

Todavia, mesmo com necessidades e dificuldades apresentadas na pesquisa e tendo a possibilidade de apresentar sugestões para o aprimoramento de sua atuação, a ausência destas por um número tão elevado de participantes também podem provocar a reflexão de que não se sentem mais motivados ou não vêem possibilidades de melhoria no trabalho nas condições que estão. Resta aos pesquisadores ampliar e aprofundar o debate, tendo como base as vozes destes professores, buscando apresentar fundamentação teórica que possa contribuir com a prática dos mesmos.

## **4 Conclusão**

A partir do exposto neste texto foi possível evidenciar que as sugestões apresentadas pelos participantes convergem com as questões já apontadas no referencial teórico aqui exposto acerca do papel do professor de apoio, especialmente, no que se refere à necessidade de formação e da garantia da hora atividade em sua carga horária de trabalho, sendo esta considerada um dos espaços para se efetivar o trabalho

colaborativo do professor de apoio com todos os envolvidos no processo de inclusão escolar. Este momento se caracteriza também como formação do professor, tendo um tempo que possa favorecer a possibilidade de elaborar o planejamento das atividades e organização dos recursos para realização das atividades junto ao professor regente, realizar reunião com pais e com profissionais, elaborar documentos e relatórios sobre os alunos com NEE, bem como realizar leituras e estudos específicos ao atendimento desses.

Torna-se fundamental possibilitar aos professores de apoio, aos professores regentes e aos demais profissionais da escola que identifiquem a importância da perspectiva colaborativa para se efetivar a inclusão dos alunos com NEE. Essa perspectiva indica que é por meio do desenvolvimento de uma parceria entre toda comunidade escolar, especialmente, entre os professores presentes, em sala de aula, no que se refere ao planejamento das atividades e o atendimento aos alunos de modo compartilhado que o processo de inclusão poderá se efetivar com melhores resultados. Um caminho para isso? O investimento em formação destes profissionais, aliado com a organização do seu trabalho de modo a ser possível desenvolverem um trabalho colaborativo com os demais profissionais envolvidos no processo de inclusão e realizarem o planejamento das aulas, bem como a disponibilização de recursos pedagógicos variados de acordo com as NEE de seus alunos.

## Referências

ALMEIDA, M.A.; SIEMS-MARCONDES, M.E.R.; BOER, W. O cuidador de pessoas com deficiência: um olhar a partir da perspectiva educacional. In: FREITAS, D.B.A.P.; CARDOZO, S.M.S. *Inclusão e diferenças: ressignificando conceitos e práticas*. Boa Vista: Universidade Federal de Roraima, 2014. p.125-143.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BEYER, H.O. A Educação Inclusiva: incompletudes escolares e perspectivas de ação. *Cad. Educ. Esp.*, v.2, n.22, p.13-44, 2003. doi: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X>

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 25 jan. 2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB 2/2001. Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica. *Diário Oficial da União*: Brasília, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. *Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC, 2008.

BRASIL. *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF, jul. 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm). Acesso em: 25 jan. 2021.

CALAIS, S.L. Delineamento de Levantamento ou Survey. In: BAPTISTA, M.N. *Metodologias de pesquisa em ciências: análises quantitativa e qualitativa*. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

DORZIAT, A. A Educação de surdos em tempos de inclusão.

*Rev. Educ. Esp.*, v.28, n.52, p.351-364, 2015. doi: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X>.

FARNOCCHI, N.G. O professor de apoio e as Decorrências para a Organização do Trabalho na Escola: análise de orientações legais em diferentes redes de ensino. In: CONGRESSO IBERO AMERICANO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO NA EDUCAÇÃO, 3., 2012. *Anais [...]*. Zaragoza, Espanha: Anpa, 2012.

FLORES, M.M.L. Professores de apoio. In: CONGRESSO MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 7., 2011, Londrina. *Anais [...]*. Londrina: UEL, 2011.

JORDÃO, U. V.; JORDÃO, M. L.; TARTUCI, D. Discurso dos professores de apoio do estado de Goiás. In: CONGRESSO MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 7., 2011, Londrina. *Anais [...]*. Londrina: UEL, 2011. p. 3775- 3787.

MARTINS, S. M. *O profissional de apoio na rede regular de ensino: a precarização do trabalho com os alunos da Educação Especial*. Em *Educação da UCDB*, v.37, p.227-246. 2014. doi: <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v0i37.763>.

MATOS, S.N.; MENDES, E.G. Demandas decorrentes da inclusão escolar. *Rev. Educ. Esp.*, v.27, n.48, p.27-40, 2014. doi: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X8796>.

MENDES, E.G.; VILARONGA, C.A.R.; ZERBATO, A.P. *Ensino colaborativo como apoio à inclusão escolar: unindo esforços entre educação comum e especial*. São Carlos: UFSCar, 2014.

MENDONÇA, A.A.S.; GONÇALVES NETO, W. Educação Inclusiva: a atuação do professor de apoio. *Poesis Pedag.*, v.17, n.1, p.111-125, e-57909, 2019. <https://doi.org/10.5216/rppoi.v17i1.57909>. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/poesis/article/view/57909/34052>. Acesso em: 25 jan. 2021.

PARANÁ. Secretaria de Educação. *Instrução Normativa nº 01/16*. Estabelece critérios para a solicitação de Professor de Apoio Educacional Especializado aos estudantes com Transtorno do Espectro Autista. Curitiba: SEED/PR, 2016.

PICOLINI, B.R.A.; LOPES FLORES, M.M. Professor de apoio, professor regente e práticas pedagógicas inclusivas. *Poesis Pedag.*, v.19, 2021. doi: 10.5216/rppoi.v19.63715.

RODRIGUES, D. Os desafios da equidade e da inclusão na formação de professores. *Rev. Nac. Int. Educ. Inclusiva*, v.7, n.2, p.5-21, 2014.

SANCHES, I.; TEODORO, A. Procurando indicadores de educação inclusiva: as práticas dos professores de apoio educativo. *Rev. Port. Educ.*, v.20, n.2, p.105-149, 2007.

SANCHES, I.R. *Em busca de indicadores de educação inclusiva*. Portugal: Edições Universitárias Lusófonas, 2011.

SILVA, K. F. W.; MACIEL, R. V. M. Inclusão escolar e a necessidade de serviços de apoio: como fazer? *Rev. Educ. Esp.*, n. 26, 2005. doi: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X>

TARTUCI, D.; SILVA, M.R.; FREITAS, A.O. A formação de professores do atendimento educacional especializado e a formação do professor de apoio inclusão em Goiás: uma análise da legislação. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DEFICIÊNCIA, 1., 2013, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo, SP: [S.n.], 2013.

TRIVINÕS, A.N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VILARONGA, C.A.R.; MENDES, E.G. Ensino colaborativo para o apoio à inclusão escolar: práticas colaborativas entre os professores. *Rev. Bras. Estud. Pedag.*, v.95, n.239, p.139-151, 2014.

VIOTO, J.R.B. Estratégias de ensino favoráveis ao processo de inclusão de alunos público-alvo da educação especial: levantamento em teses e dissertações. *Rev. Cocar*; v.14, n. 29, p.584-602, 2020.